

ELSINORE

DES  
PEN  
TES

IDIOTA  
CARO

IDIOTA

CARO

**ELSINORE**



# YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente  
entre nós e as palavras há hélices que andam  
e podem dar-nos morte violar-nos tirar  
do mais fundo de nós o mais útil segredo  
entre nós e as palavras há perfis ardentes  
espaços cheios de gente de costas  
altas flores venenosas portas por abrir  
e escadas e ponteiros e crianças sentadas  
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos  
há palavras de vida há palavras de morte  
há palavras imensas, que esperam por nós  
e outras, frágeis, que deixaram de esperar  
há palavras acesas como barcos  
e há palavras homens, palavras que guardam  
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,  
as mãos e as paredes de Elsinore

E há palavras noturnas palavras gemidos  
palavras que nos sobem ilegíveis à boca  
palavras diamantes palavras nunca escritas  
palavras impossíveis de escrever  
por não termos connosco cordas de violinos  
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar  
e os braços dos amantes escrevem muito alto  
muito além do azul onde oxidados morrem  
palavras maternais só sombra só solução  
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados  
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

MÁRIO CESARINY

**DES  
PEN  
TES**

**CARO**

**IDIOTA**

*para Jean-Claude Fasquelle*

OSCAR

*Crónicas do Desastre*

Cruzei-me em Paris com a Rebecca Latté. Vieram-me à memória as personagens extraordinárias que interpretou, ora de mulher perigosa, ora venenosa, vulnerável, comovente ou heroica – quantas vezes me apaixonei por ela, quantas fotos dela, em quantos apartamentos, por cima de quantas camas, pendurei e me fizeram sonhar. Metáfora trágica de uma época que vai de mal a pior – essa mulher sublime que iniciou tantos adolescentes naquilo que foi o fascínio da sedução feminina no seu apogeu, transformada, hoje em dia, neste mostrengo. Não apenas envelhecida. Mas pesadona, descuidada, a pele ascorosa, uma personagem de mulher suja, estrepitante. Uma salgalhada. Disseram-me que se tinha convertido numa egéria das jovens feministas. A internacional das piolhosas voltou a atacar. Grau de surpresa: zero. Enrolo-me em PLS no meu sofá e ouço *Hypnotize*, do Biggie, em *loop*.

REBECCA

Caro idiota,  
li o que publicaste no teu *Insta*. És como um pombo que me tivesse cagado em cima do ombro ao passar. É insultuoso e bastante desagradável. *Sniff sniff sniff*, sou uma lagalhê que não interessa a ninguém e guincho como um *chihuahua* porque só quero que reparem em mim. Glória às redes sociais: já os tiveste, os teus quinze minutos de fama. A prova é que estou aqui a escrever-te. De certeza que tens filhos. Um gajo como tu reproduz-se, tem medo de que a linhagem acabe. Já reparei que quanto mais estúpidas e sinistramente inúteis são as pessoas mais obrigadas se sentem a deixar descendência. Portanto, espero que os teus filhos morram esborrachados debaixo de um camião e que os vejas a agonizar sem poderes fazer nada e que os olhos deles esguichem das órbitas e os berros de dor que mandarem te assombrem todas as noites. Todo o bem que te desejo é este. E deixa o Biggie em paz, otário.

OSCAR

Essa foi forte. Pus-me a jeito. A minha única desculpa é que não pensei que me ia ler. Ou talvez estivesse à espera disso, no fundo, mas sem acreditar verdadeiramente que acontecesse. Lamento imenso. Apaguei o *post* e os comentários.

Mas, ainda assim, foi forte. Ao início chocou-me. Depois, confesso, fez-me rir como o caraças.

Gostava de me explicar. Eu estava sentado a umas poucas mesas da sua numa esplanada da rue de Bretagne — não tive



coragem de lhe falar, mas olhei-a fixamente. Devo ter-me sentido humilhado ao perceber que a minha cara não a fazia lembrar-se de nada, e também por causa da minha própria timidez. Se assim não fosse, nunca teria escrito coisas tão abjetas sobre si.

O que lhe queria dizer nesse dia — ignoro se lhe traz o que quer que seja à memória — é que sou o irmão mais novo da Corinne, vocês eram amigas nos anos 80. Jayack é um pseudónimo. A nossa família chama-se Jocard. Vivíamos por cima do Square Maurice Barrès. Lembro-me de que você era da Cali, o seu prédio chamava-se Danube. Nessa altura, ia muito lá a casa. Eu era o irmão mais novo, espiava-a de longe, você raramente falava comigo. Vejo-a à frente do meu circuito de corrida de carrinhos de brincar e a sua única preocupação era mostrar-me como fazê-los descarrilar.

Você tinha uma bicicleta verde, uma bicicleta de corrida, uma bicicleta de rapaz. Roubava discos à socapa no Hall du Livre e um dia ofereceu-me o *Station to Station*, do David Bowie, porque tinha dois. Graças a si, ouvi o Bowie aos nove anos. Guardei esse disco.

Pelo meio, tornei-me romancista — sem atingir o seu nível de notoriedade, a coisa não me correu mal, e já há muito que tenho o seu *e-mail*. Arranjei-o porque queria escrever um monólogo de teatro para si. Nunca tive coragem de a contactar.

Atenciosamente.

REBECCA

Rapaz, guarda as tuas desculpas para ti, o monólogo, isso tudo: não há nada teu que me interesse. Se ficares mais descansado,

fica a saber que estou ainda mais irritada com o imbecil desgraçado que me enviou o *link* do teu comunicado, como se eu devesse estar a par de cada insulto de que sou alvo. Estou-me nas tintas para a tua vida medíocre. Estou-me nas tintas para a tua obra no geral. Não estou nem aí para nada que tenha que ver contigo, com a exceção da tua irmã.

É claro que me lembro da Corinne. Há anos que não pensava nela, mas assim que li o nome dela voltou-me tudo à memória como se estivesse a abrir uma gaveta. Jogávamos às cartas em cima de um pequeno trenó que fazia de mesa de centro no quarto dela. Abríamos as portadas e fumávamos cigarros que eu roubava à minha mãe. Na tua família, tiveram um micro-ondas antes de toda a gente e púnhamos lá queijo a derreter para o espalharmos em cima das tostas. Também me lembro de a ter ido ver aos Vosgos — ela trabalhava como monitora numa espécie de chalé com cavalos. A primeira vez que entrei num bar foi com ela, jogámos *flippers* com um ar descontraído, como se o tivéssemos feito durante toda a nossa vida. A Corinne tinha uma moto — tendo em conta a nossa idade, devia ser uma motoreta quitada. Fumava *Dunhill* vermelho e bebia panachés. Às vezes falava da Alemanha de Leste e da política da Thatcher, cenas com que ninguém à minha volta se preocupava na altura.

Raramente penso em Nancy, detestei, e não tenho qualquer nostalgia da infância — surpreende-me o ter-me lembrado de algo relacionado com essa época de juventude e, ainda para mais, agradável.

Diz à tua irmã que pesquisei o nome dela na Internet e que não encontrei nada. Suponho que tenha casado e mudado de apelido. Dá-lhe um beijo da minha parte. Quanto a ti, vai morrer longe.

OSCAR

A Corinne nunca abriu conta em nenhuma rede social. Não é que seja tecnofóbica, mas é sociopata. Lembro-me bem de quando ias lá a casa. Mais tarde tornaste-te numa estrela de cinema e eu não fazia ideia de que uma mesma pessoa podia sentar-se na nossa cozinha e ter os seus quinze minutos de fama nos Óscares. Na altura a notoriedade não era esta coisa acessível a todos, só englobava um número muito restrito de pessoas. Parecia-me uma loucura que isso pudesse acontecer a alguém do nosso bairro. Não sei se me teria posto à procura de um editor para o meu primeiro romance se não te tivesse conhecido. Tu eras a prova de que o meu meio familiar estava errado: eu tinha direito a sonhar. Sinto-me mesmo estúpido por ter escrito uma porcaria daquelas sobre ti. Tens razão, foi uma maneira particularmente parva de atrair a tua atenção.

Vocês não andavam na mesma escola, tu e a minha irmã, e não sei como é que se tornaram amigas. Quando estavam na primária, a vossa atividade preferida era construir casas sociais para as bonecas em grandes caixas de cartão. Era todo um empreendimento, e mesmo a minha mãe, que não tinha qualquer sentido para a fantasia, deixava-vos brincar à vontade sem se queixar da desarrumação no quarto da Corinne. Uma quarta-feira, trouxeste uma caixa, que era de um frigorífico, na qual tinham empilhado caixas de sapatos para fazer de apartamentos. O teto era demasiado baixo para as Barbies, então tinham ido buscar as bonecas de coleção da minha mãe, que estavam expostas numa prateleira na sala. Quando ela viu as pequenas bretãs, sevilhanas e alsacianas a mobilar o vosso prédio, fiquei à

espera de uma bela explosão de fúria. Essa recordação está-me gravada na memória, visto que a minha mãe não conseguiu fingir que estava chateada. Uma espécie de alegria passava à frente do que seriam as regras. Dizia «que exagero», mas antes de vos mandar voltar a pôr as bonecas nos cilindros de plástico e arrumar o quarto, acocorou-se diante da instalação, a sacudir a cabeça, «olha-me esta!» Resmungava só porque era suposto fazê-lo e isso notava-se. Não era costume fazermos a minha mãe rir. Tinhas vencido o mau humor dela. Mais tarde, sempre que te via aparecer no pequeno ecrã do televisor, o comentário era sempre o mesmo, «e aquela vez em que ela e a Coco foram buscar todas as minhas bonecas folclóricas à prateleira para mobilarem aquela torre de cartão delas... Tinha cá uma lata, essa miúda. Já era tão bonita, naquela altura».

Eu ainda nem sequer tinha idade para jogar ao *Mille Bornes* e já sabia que eras linda, mas compreendi-o plenamente no fim de um verão, alguns dias depois do regresso às aulas, quando foste lá a casa e disseste ao chegar: «Fazemos um café?» A partir desse dia, acabaram-se as bonecas. Eras grande. E estavas irreconhecível.

## REBECCA

Filho, imagino que suspeites que não és o primeiro a dizer-me que sou uma bomba ou a reparar que sou conhecida...

Mas admito que és o primeiro a ter a audácia de me insultar como um monte de esterco e de me subjugar, no mesmo ímpeto, com essa lengalenga do «vimos do mesmo bairro, temos recordações em comum».

Nesta altura do campeonato, a tua estupidez impõe respeito. Não muda nada no essencial: estou-me a cagar para ti. Todo o meu afeto para a tua irmã, que era uma amiga genial.

OSCAR

Não sei se tinhas percebido que a minha irmã gostava de gajas. Ela não falava disso na altura. Eu via perfeitamente que ela era uma besta, mais rude do que as amigas, e incomodava-me que não fizesse nenhum esforço para melhorar, mas eu não tirava daí nenhuma conclusão especial. Anos mais tarde, num mês de agosto, os meus pais foram para Espanha e eu fui para casa deles para tratar do gato. Estávamos em plena canícula, e a Corinne, que já vivia em Paris, juntou-se a mim para usufruir do pequeno jardim. Estendia uma toalha à sombra do pessegueiro e passava ali a tarde a ler ou a ouvir CD no *discman*. Às vezes pegávamos no carro para ir à piscina. Nunca tínhamos partilhado este tipo de intimidade nas férias. Não nos chateávamos um ao outro, cada um ocupava o dia à sua maneira, e um dia ela encontrou os VHS da trilogia *Mad Max* numa caixa na garagem, então instalámo-nos na sala, fechámos as portadas e pusemo-nos a beber umas cervejas geladas enquanto víamos o Mel Gibson. Entre dois filmes, um bocadinho enfrascados, falei-lhe da gaja com quem andava a sair e a qual não tinha coragem de deixar, apesar de estar farto dela. A Corinne ouviu-me sem se passar comigo, como era costume. Eu dizia obrigado-me a telefonar-lhe porque senão já sei que ela me vai armar um espetáculo mas no fundo estou contente por ela trabalhar porque sufoco ao pé dela, aborreço-me, é até um

bocado deprimente. Eu não era capaz de perceber do que é que tinha medo se lhe dissesse que entre nós tinha acabado. Não vivíamos juntos. No fundo, receava que, ao deixá-la, me estivesse a condenar ao celibato para o resto da vida e pensava que mais valia ter uma namorada que fosse uma seca do que ficar sozinho para sempre. Mas não tinha coragem de lho dizer em voz alta, então perguntei à minha irmã como é que as coisas lhe corriam com os rapazes. Nunca a tinha visto com namorado. Não me surpreendia. Não era lá muito bonita e não era fácil lidar com ela. Eu tinha medo dela, achava que ela também aterrorizava os outros gajos.

Ela respondeu, sem hesitar — tenho aí umas cenas com umas miúdas. Foi assim que saiu do armário. Vivia em Paris há três anos. Eu pensei «a minha irmã é homossexual» e isso não correspondia a nenhuma realidade. Camiona nem sequer era um insulto presente no meu vocabulário. Tinha, para designar a minha irmã, toda uma gama de termos pejorativos — mas «camiona» nunca me veio à cabeça. Nunca me tinha questionado sobre se essas mulheres existiam mesmo, eu cá não conhecia nenhuma. A Corinne avisou-me de que se eu falasse disto com alguém, desfazia-me a cabeça — eu disse nunca me chibi do que quer que fosse e ela disse é verdade, tu sabes fechar a matraca, fui eu que te ensinei. Deu-lhe para rir. A mim não, quando era pequeno os chapadões choviam mal me aproximava e teria preferido que ela me falasse de um remorso sincero em vez de evocar a cena naquele tom satisfeito.

Pusemos o terceiro *Mad Max* e eu sentia-me desconfortável. Parecia-me uma loucura que uma tal desgraça caísse justamente sobre nós. Uma coisa era ela ser uma mulher gorda

e feia sem atrativos — outra era ser fufa. Isso deu-me pena dela — imaginar a vida que levava em Paris, as pessoas a atirar-lhe pedras na rua, a malta a rir-se na cara dela e a chamar-lhe nojenta, os empregadores agoniados ao olhar para ela. Apanhou o comboio até Paris alguns dias depois, não voltámos a falar do assunto.

Julguei que seria um segredo vergonhoso que guardaríamos durante toda a nossa vida. Mas, um ano e meio depois, reencontrámo-nos em família no Natal, nos Vosgos, e comemos e bebemos de mais, eu e ela fomos dar um passeio na floresta. Parece que estou a vê-la, de luvas cor de laranja emprestadas pela minha tia, o nariz avermelhado pelo frio, sorridente no meio dos abetos, contente com a parvoíce dela, a falar «dos héteros que são burros de ideias curtas» com um desprezo infinito. Hoje em dia, essa caracterização tornou-se banal, mas era a primeira vez que eu ouvia alguém a falar assim de heterossexuais. A época do *coming-out* dela, digno e furtivo, tinha chegado ao fim. A partir de agora, era uma *butch*, um «sujeito político». Eu tinha escondido uma garrafa de champanhe no meu blusão de penas, e agora observava-a a esvaziá-la diretamente do gargalo, siderado com o regozijo que ela revelava. Ela devia era cair de joelhos no meio dos abetos e suplicar aos deuses que a ajudassem a voltar ao normal, a ter filhos com um homem honesto, a contrair um empréstimo para um carro no âmbito de um casamento que a família respeitasse. Bebi também eu, o que me deu coragem para arriscar perguntar-lhe «e isso não pode ser só uma fase na tua vida, essa cena com as gajas?» Ela enfiou as mãos nos bolsos. «Espero que não. Como hétero, não valho nada, enquanto no mercado lésbico sou o equivalente à

Sharon Stone.» A resposta dela deixou-me abanado. Desde pequenos que ambos éramos uns *losers* da sedução. Nesse dia, foi como se ela me tivesse largado a mão para me abandonar no escuro, sozinho, enquanto ela seguia aos pulinhos numa praia batida pelo sol. Ela tinha encontrado a cena dela, e eu, nada.

Perdemo-nos no regresso, ela estava imperturbável naquela alegria de ser lésbica. Eu aproveitava algumas coisas no discurso dela: também não tinha lá grande vontade de me parecer com os outros membros da nossa família. Nessa altura eu sonhava com tornar-me jornalista e nunca o teria confessado à mesa. Conseguia prever a reação de todos, os risos histéricos e os olhos pregados no teto «sempre se achou mais do que aquilo que é», «mas achas mesmo que está tudo à tua espera?» e toda a litania da classe média condenada ao salariado, ao trabalho feito por dinheiro e nunca por vocação. Saber ficar no seu lugar era mais importante do que tudo. De caminho, pressentia que, para a minha irmã, renunciar a seguir a via das mulheres da família e da vizinhança tinha algo que ver com esse mesmo desejo de emancipação.

Mais tarde, reconstituí a evolução dela. Teve, na adolescência, algumas namoradinhas com quem vivia aventuras às escondidas, mas que saíam com gajos à primeira oportunidade. Ficou na merda lá no cantinho dela, a purgar em segredo dores amorosas nojentas, e eu sabia bem como eram as miúdas, não tinham qualquer piedade pelos derrotados. Ora, as lésbicas, nessa época, eram pior do que derrotadas — não tinham qualquer razão de ser. No ringue da feminilidade convencional, nem sequer podiam enfiar as luvas.



Mal terminou o ensino secundário, a Corinne mudou-se para Paris, inscreveu-se na universidade e passou a viver de pequenos trabalhos, mas rapidamente encontrou um a tempo inteiro na receção de um Gymnase Club e deixou as aulas. Apaixonou-se por uma rapariga no trabalho, foi a sua primeira relação a sério, faziam tudo juntas, iam a exposições e ao cinema e a concertos, e passavam fins de semana na Normandia. E um dia a rapariga deu-lhe a notícia de que se ia casar. A Corinne foi testemunha na cerimónia. Abraçou-a, mais uma vez, no vestido branco. Se a minha irmã tiver um coração, foi nesse dia que ficou partido. Depois de tudo ter mudado — o Gymnase Club fechou, ela picou o ponto no desemprego ao longo de alguns meses, durante os quais andava por tudo quanto era bar. Foi aí que encontrou aquela que ia mudar tudo, a que lhe ia dizer — os meus pais sabem, quer gostem ou não, que sou lésbica e estou-me a cagar para eles e estou-me a cagar para todos os que não gostarem. Foram viver juntas. Frequentavam bares de raparigas e a Corinne politizou-se. Mudou de estilo, livrou-se de todos os sinais exteriores de feminilidade, nem cabelos compridos nem joias nem calçado fino nem maquilhagem. Essas coisas que costumava ir buscar ao repertório comum e que não se integravam na sua fisionomia. Como se fossem pequenos transplantes que tivesse rejeitado.

Foi o nascimento da minha filha que transformou as nossas relações. Da mesma forma que a minha irmã berra para quem quiser ouvir que nunca reproduzirá esse campo de concentração de neuroses repugnantes que é a célula familiar, e que a superioridade da lésbica sobre a mulher heterossexual reside em a primeira não se sentir obrigada a ser mãe para

existir, assume o papel de tia com uma seriedade que roça os limites do zelo.

Podemos contar com ela para o que for preciso. A minha filha chama-se Clémentine e não se pode dizer que tenha uma personalidade fácil. É, aliás, uma campeã a pôr as pessoas a penar. Mas nunca manda vir quando tem de ir duas semanas para casa da minha irmã. A Léonore, a mãe da minha filha, que desconfia de toda a gente, entrega-lha sem hesitar.

A minha irmã vive perto de Toulouse, numa casa deteriorada mas enorme, onde a fedelha tem um quarto no andar de cima, e lembro-me de que, da primeira vez em que a deixámos lá sozinha durante alguns dias, enquanto nos afastávamos no carro, eu estava convencido de que íamos dar meia-volta no fim da avenida para a ir buscar. Mas a Léonore não exigiu que anulássemos o fim de semana que tínhamos planeado. Confia plenamente na Corinne. E com razão. Vou então dizer à minha irmã que lhe mandas um beijo, vai ficar contente.

## REBECCA

Não tens amigos com quem falar? Só perguntei como é que estava a tua irmã e mandas-me a biografia toda dela. Levei a tarde a ler o teu *e-mail*, felizmente o assunto interessa-me.

Não, não me tinha apercebido de que a Corinne gostava de raparigas, mas, agora que o dizes, pergunto cá para mim como é que não me dei conta. Parece que estou a vê-la na Casa da Juventude e da Cultura de calções com a raquete de pingue-pongue a fazer rir toda a gente e é claro que ela era uma espécie de caricatura de fufa. Mas não pensávamos nisso.

Havia alguns boiolas entre o pessoal que se dava connosco. Mas quanto às gajas, nos anos 80 éramos héteros e ponto final.

Eu podia ter gostado dela. Agora que penso nisso nesses termos. Ela tinha qualquer coisa, eu não a teria desdenhado. Mas a situação nunca me pareceu ambígua. Vendo bem, percebo que ela o era. Tratava-me como a uma princesa, na altura eu chamava a isso uma belíssima amiga. É possível que por vezes eu não tenha sido do mais delicado. Pede-lhe desculpas por mim, se tiver sido o caso. Eu falava-lhe muito dos rapazes de quem gostava.

As nossas mães foram colegas de trabalho na Geiger. A minha não aguentou por muito tempo a vida na fábrica, mas foi assim que nos conhecemos, a Corinne e eu. É estranho que me tenha esquecido completamente de ti, Oscar não é um nome muito vulgar. Desapareceste-me da memória, mas lembro-me bem da vossa casa, com a pequena cozinha à esquerda, ao entrar, e a sala à frente, e o quarto da Corinne era ao fundo do corredor, à direita. Por cima do Square Maurice Barrès. Nessa época não lhes faltava humor quando batizavam os bairros. Nós vivíamos no Californie. Se isto não era gozar com a nossa cara, então não sei. Não guardo qualquer nostalgia da infância, mas não era um mau bairro para se crescer. Sofria com a falta de espaço em casa, isso sim. Tinha dois irmãos mais velhos, havia sempre barulho e eles ostentavam uma energia animal que transformava o nosso apartamento numa jaula. Eu adorava ir a vossa casa. A Corinne tinha o seu próprio quarto. Os vossos pais nunca estavam lá. Havia uma calma. Eu gostava daquele bairro. Nunca pensei que fosse feio, aquele sítio onde vivíamos.

Mas agora, quando vou visitar a minha família, vejo as nossas casas de infância pelos olhos dos outros. Aquilo não é a miséria. É outra coisa ainda. É o abandono. É o ter crescido num sítio de que ninguém quer saber.

Quando fui para o liceu em Nancy, alguns dos meus novos amigos viviam em apartamentos mais espaçosos no centro da cidade ou em casas bonitinhas em lotes recém-construídos. Eu achava aquilo tão chato como na minha zona. E os pais deles não eram melhores do que os meus. Via-se perfeitamente que as mães se enfrascavam e que os pais eram uns parvalhões pretensiosos. Nunca me passou pela cabeça ter vergonha. Fiz quinze anos nesse breve intervalo — estava-me cagando que em nossa casa não comprassem *Nutella*, mas antes uma qualquer marca reles. Só tinha uma ideia na cabeça, sair daquela cidade de província e ir ver concertos em Paris ou em Londres. Queria viver com músicos. Por isso, não ia ser de certeza o lenço *Hermès* de uma otária na esplanada do Commerce que podia desestabilizar-me. Era toda essa vida que eu queria deixar para trás de mim.

## OSCAR

Ou se calhar estavas-te a marimbar para saber como é que viviam as crianças ricas porque eras linda. Com quinze anos, a beleza leva a melhor sobre a riqueza. Isto é ainda mais verdadeiro para os rapazes do que para as raparigas. Uma miúda pode sentir-se ultrapassada pelo efeito que produz, ou fazer-se diminuir devido ao seu brilho, ou então não saber tirar partido

dele. Mas um rapaz, se for giro, o mundo pertence-lhe. Quando era adolescente, talvez por masoquismo, os meus melhores amigos eram sempre esplendorosos. A superioridade que isso lhes concedia em todas as coisas era uma aberração.

Eu era bom na escola. O que era uma cena dos feios, bem como uma cena dos pobres. Era algo que eu podia fazer por merecer. Os meus pais não toleravam más notas. Nem da minha irmã nem de mim. Termos boas avaliações escolares era o mínimo, visto que tínhamos a oportunidade de ir à escola e de poder encarar a hipótese de irmos a ter um bom emprego. Eu sou da última geração, à qual fizeram acreditar que, trabalhando no duro, conseguiríamos subir socialmente. A crise de 2008 rapidamente nos despejou um balde de água fria nos ardores.

A minha mãe repetia-nos incansavelmente que não nos faltava nada e comparava-nos aos que tinham motivos para se queixar, eu aprendi a checar os meus privilégios antes de saber ler e escrever. Nunca me teria passado pela cabeça dizer que queria um *Walkman* da *Sony* ou uns *jeans* da *Levi's*. Os meus pais teriam pensado que eu tinha ficado maluquinho. Descobri o *rap* no colégio. O filho da minha antiga professora primária usava um blusão de cabedal preto e era um rufia. Ele estava um ano atrasado e o irmão mais velho tinha estado na prisão. Impressionava-me imenso. Era um louro grandalhão, arrogante e violento, que me gramava. Ele tinha comprado a compilação *Rapattitude* e tinha-me posto a ouvir *Public Enemy* e *Eric B. & Rakim*. Fiquei apaixonado por esse estilo musical e, seis meses depois, era eu quem o punha a ouvir as novidades. Foi a partir desse momento que percebi que queria fazer dinheiro.

Quando publiquei o meu primeiro romance e a coisa correu bem, fui logo procurar o teu *e-mail*, porque sonhava escrever para ti. Tinha-me cruzado com o Philippe Djian num salão do livro, ele tinha sido muito amável, disse-me que para um autor era economicamente interessante escrever teatro. E eu pensei em ti — a maior parte dos rapazes da minha geração curti milhões de ti, mas comigo era especial, porque tinha-te conhecido quando era pequeno. Tratavam-me como se fosse um mitómano e eu não tinha nenhuma foto que provasse que estava a dizer a verdade. Sonhava que dissesses um texto que eu tivesse escrito porque, mais do que tudo, gosto da tua voz e do teu ritmo quando falas. Mas depressa percebi que, por entre os meus novos amigos autores, não éramos muitos a ter bulido numa fábrica ou no Auchan nos meses de verão para pagar a carta de condução. Um dia, escrevi um argumento com um realizador da minha idade, ele uma vez tinha trabalhado na recepção de um palácio durante um verão — falava disso como se tivesse estado na guerra. Uma cena excepcional, que tinha feito dele um ser mais consciente do que os outros, mais capaz de me compreender profundamente. Também por isso eu tinha vontade de escrever para ti. Precisava de me aproximar de pessoas que se parecessem comigo.

Contactei o teu agente para lhe falar do meu projeto. Respondeu-me que voltaríamos a falar quando eu tivesse escrito o texto. Isto foi há uns dez anos. Eu estava a começar, achava que era o maior, por ter passado na TV. Agora vejo o pessoal mais novo a aparecer no *YouTube* e eles têm a mesma arrogância que eu tinha. Depressa nos embriagamos com

a nossa pequena notoriedade. Isso não quer dizer que nos armemos em bons e achemos que somos melhores do que é verdade — mas fica-se com a sensação de se ser conhecido em todo o lado, tema de todas as conversas e objeto de cobiça. O sucesso social, por mais limitado que seja, ocupa-te todo o espaço mental. É como um elefante bebé que tivesses de alimentar e cuidar e levar a passear e entreter constantemente. Um monstro simpático. Uma manhã, acordas, saís de casa e, como tão bem diz o Orelsan: «És toda boa.» Toda a gente quer qualquer coisa de ti, sacam-te o número, querem andar por aí contigo querem oferecer-te uma piza querem tirar-te uma foto querem que venhas a um concerto. Torna-se chato. Não vi muita gente para quem isso fosse um motivo de felicidade. Mas cruzei-me com um porradão de gente que se chateia bué com isso. Quando falei do meu projeto ao teu agente, estava à espera de o ver a saltar de alegria por um jovem autor da minha qualidade se interessar por uma das suas atrizes. Pensava que ele ia logo organizar um jantar comigo e contigo, e dar-me as chaves da casa de campo dele para que eu pudesse ir para lá escrever.

Ele pôs-me de volta no meu lugar. Escrevi algumas linhas. Uma rapariga que sai da prisão depois de uma longa pena. Li vários testemunhos de mulheres que tinham estado no xadrez. Uma delas disse-me, e isso marcou-me, que nas prisões femininas ninguém ia ao falatório. Apercebi-me de que nunca tinha conhecido um gajo que dissesse — a minha mulher está na prisã, vou vê-la todos os meses.

Mas não cheguei a escrever esse texto. Faço parte dessa categoria de autores — somos muitos — que procrastinam.

A Internet não me facilita a tarefa. Abro um documento Word dizendo para mim mesmo que vou trabalhar e cinco minutos depois estou a ver porno.

Agora ando a passar os dias entretido com jogos parvos no telemóvel. Quando digo os dias — quero mesmo dizer os dias. Por volta das nove da manhã, enrolo o meu primeiro canhão, ponho um disco a tocar, ligo o rádio ou procuro um *podcast* e meto-me a jogar. Até que sejam horas de comer. Já fumei uma beca, então, na maior parte das vezes, adormeço e acordo lá para as cinco da tarde, é a hora da primeira bejeca. Ou dá-me vontade de sair e ver gente, para continuar a beber — e outras coisas, se houver oportunidade —, ou volto aos canhões e acabo a ver séries. Continuo a jogar enquanto os episódios estão a passar. Seis a sete horas do meu dia são isto — o meu telemóvel é um chibo, todas as semanas desboca o tempo que perdi. Quando digo jogos estúpidos, quero dizer que são mesmo jogos estúpidos. Jogos gratuitos, de telemóvel. Nada de mundos incríveis com missões e gráficos sublimes. Não. Jogos de cromos. Se alguém me roubar o telemóvel, hei de ter vergonha de o recuperar, de tal forma chego a níveis ridículos. Do tipo, já cheguei ao fim do *Candy Crush*. É claro que pago pelos bónus. Faço parte das pessoas que se deixam viciar a sério. Parece que isto tem o mesmo efeito no cérebro que a cocaína. Começo a acreditar nisso. Não há nada que me acalme tanto como passar três horas sem largar o ecrã do telemóvel.

Parece que as inteligências mais sofisticadas trabalham com afinco para arranjar maneiras de te fazer ficar agarrado o maior tempo possível. É uma ciência da adição. Pessoas que podiam ocupar o tempo a tentar melhorar as nossas vidas, ou a tornar a Internet menos destruidora, que podiam questionar-se



como utilizar a net para que o trabalho fosse mais fácil e produzisse menos infelicidade, e que põem todo o talento que possuem a fazer com que fiques o maior tempo possível num jogo de zombies.

Procrastino. Não é falta de inspiração. Tenho na cabeça os diálogos exatos, as cenas precisas, sei o que quero escrever. Mas faço outra coisa qualquer. Não faço em vez disso seja o que for de interessante. Nem de divertido. É difícil de explicar. Ser escritor é uma parvoíce, os teus amigos acham que bates no teclado duas ou três horas por dia umas tretas quaisquer enquanto assobias e, pronto, está feito o teu dia. É impossível explicar-lhes que devido à própria simplicidade do dispositivo é que se torna difícil escrever e que isso te toma todo o tempo, ao teimares em tentar.

Assim, não escrevi esse monólogo sobre uma mulher que sai da prisão e redescobre Paris quinze anos depois. Procrastino. Neste caso excepcional, estou bloqueado. Acabo de publicar um romance, e toda a gente fala de mim, mas não por causa do meu livro. Fui metoozado. Não o desejo ao meu pior inimigo. Tenho a sensação de que toda a gente está ao corrente. Então, digo-to. Provavelmente, é agora que deixas de me escrever. Não posso dizer que compreenderia. Mas não serias a primeira.

Rebecca tem cinquenta anos, é uma atriz famosa e, embora se ache mais atraente do que nunca, começa a sentir na sua própria pele a discriminação da indústria cinematográfica. Oscar é um escritor só um pouco mais novo do que ela, cuja vida pessoal e carreira se encontram num caos ao descobrir-se no centro do mais recente escândalo MeToo. Zoé Katana, feminista e bloguista, é a jovem vítima que regressou do passado para finalmente ajustar contas com ele.

Os três irão iniciar um diálogo tenso, por meio de chat, e descobrir como uma amizade improvável pode nascer entre pessoas que, à primeira vista, nada têm que ver umas com as outras, e como essa força desconhecida as pode ajudar a lidar melhor com as suas ansiedades, neuroses, vícios, complexos, vergonhas e medos.

Regresso aguardado e festejado de Virginie Despentes, *Caro Idiota* é um romance epistolar dos nossos tempos que aborda temas e episódios atuais, um livro de raiva e consolo sobre a violência das relações humanas e sobre as posturas ideológicas às quais estamos agarrados, mesmo quando há muito deixaram de nos fazer compreender não só a realidade mas também a velocidade e irreversibilidade da mudança.

«A escritora que melhor compreende a nossa época.»

*Radio France*

«Luminoso»

*Le Monde*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlomos.pt](http://www.penguinlomos.pt)

[elalomo.pt](https://www.facebook.com/elalomo)

[penguinlomos](https://www.instagram.com/penguinlomos)

ISBN 978986972518



9 789867 872518 >